CATEQUESES DO PAPA BENTO XVI SOBRE SANTO TOMÁS DE AQUINO: 2ª PARTE

por *Daniel Nunes Pêcego* – Instituto *Aquinate* e UFRRJ

Em continuação à análise das três catequeses sobre Santo Tomás de Aquino, proferidas pelo Santo Padre o Papa Bento XVI nas audiências semanais na Praça de São Pedro, consideraremos agora a segunda delas, ocorrida em 16 de junho de 2010.

O Papa inicia a catequese indicando as referências mais recentes do Magistério da Igreja sobre o Aquinate. Começa por sua declaração como Patrono das Escolas e Universidades Católicas, feita pelo Papa Leão XIII, chegando a dois documentos do último Concílio Ecumênico, o decreto *Optatam Totius* e a declaração *Gravissimum educationis*.

E - afirma Bento XVI - um dos motivos deste apreço reside não somente no riquíssimo conteúdo doutrinal, mas igualmente no método de síntese e distinção entre filosofia e teologia, uma vez que as soluções dos diversos Padres da Igreja que lhe antecederam, muitas delas com aplicações platônicas ao Cristianismo, não eram sempre satisfatórias.

> [Para] São [*sic*] Tomás de Aquino, o encontro com a filosofia pré-cristã de Aristóteles (falecido por volta de 322 a.C.) abria uma nova perspectiva. A filosofia aristotélica era, obviamente, uma filosofia elaborada sem conhecimento do Antigo e do Novo Testamento, uma explicação do mundo sem revelação, unicamente pela razão. E esta racionalidade consequente era convincente. Assim, a antiga forma da "nossa filosofia" dos Padres já não funcionava. A relação entre filosofia e teologia, entre fé e razão, devia ser reconsiderada. Existia uma "filosofia" completa e convincente em si mesma, uma racionalidade precedente à fé, e depois a "teologia", um pensar com a fé e na fé. A questão urgente era esta: o mundo da racionalidade, a filosofia pensada sem Cristo e o mundo da fé são compatíveis? Ou então se excluem? Não faltavam elementos que afirmavam a incompatibilidade entre os dois mundos, mas São Tomás estava firmemente convencido da sua compatibilidade, aliás, que a filosofia elaborada sem o conhecimento de Cristo praticamente esperava a luz de Jesus para ser completa. Esta foi a grande "surpresa" de São Tomás, que determinou o seu caminho de pensador. Mostrar esta independência de filosofia e teologia e, ao mesmo tempo, a sua relacionalidade recíproca, foi a missão histórica do grande mestre[1].

[1] BENTO PP. XVI. *Audiência Geral do dia 16 de junho de 2010. In http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2010/documents/hf_ben-xvi_aud_20100616_po.html.*

Por isso se compreende também porque no século XX, época em que se propagava uma forte cisão entre razão e fé, Santo Tomás foi indicado como guia seguro para a solução dessa aparente dicotomia, pois

> no seu trabalho teológico, São Tomás supõe e concretiza esta relacionalidade. A fé consolida, integra e ilumina o patrimônio de verdade que a razão humana adquire. A confiança que São Tomás concede a estes dois instrumentos do conhecimento – a fé e a razão – pode ser reconduzida à convicção de que ambas derivam da única nascente de toda a verdade, o *Logos* divino que age tanto no âmbito da criação, como no contexto da redenção[2].

A concordância entre fé e razão passa pelo reconhecimento de que ambas possuem meios de conhecimento diferentes. A razão "acolhe uma verdade em virtude da sua evidência intrínseca, mediata ou imediata"[3]. Já a fé, "aceita uma verdade com base na autoridade da Palavra de Deus que Se revela"[4]. E cita o Papa uma passagem da *Suma Teológica*:

> É dúplice a ordem das ciências; algumas procedem de princípios conhecidos mediante a luz natural da razão, como a matemática, a geometria e semelhantes; outras procedem de princípios conhecidos através de uma ciência superior: como a perspectiva procede de princípios conhecidos mediante a geometria, e a música de princípios conhecidos através da matemática. E deste modo, a doutrina sagrada (ou seja, a teologia) é ciência porque procede dos princípios conhecidos através da luz de uma ciência superior, isto é, a ciência de Deus e dos Santos[5].

Essa diferenciação, porém, não implica em separação, mas colaboração:

> Com efeito, a fé protege a razão de toda a tentação de desconfiança nas próprias capacidades, estimula-a a abrir-se a horizontes mais vastos, mantém viva nela a busca dos fundamentos e, quando a própria razão se aplica à esfera sobrenatural da relação entre Deus e homem, enriquece o seu trabalho. Segundo São Tomás, por exemplo, a razão humana pode chegar indubitavelmente à afirmação da existência de um único Deus, mas só a fé, que acolhe a Revelação divina, é capaz de haurir do mistério do Amor de Deus Uno e Trino. Por outro lado, não é apenas a fé que ajuda a razão.

[2] *Idem*.
[3] *Idem*.
[4] *Idem*.
[5] SANTO TOMÁS DE AQUINO. *STh* I, q. 1, a. 2.

> Também a razão, com os seus meios, pode fazer algo de importante para a fé, prestando-lhe um tríplice serviço (...)[6].

O Romano Pontífice sublinha o papel essencial desempenhado pela analogia no raciocínio do Aquinate, fundada que é em argumentos filosóficos, mas também no próprio fato da Revelação, pelo qual Deus mesmo nos possibilita falar Dele. Realçar este dado é de extrema importância, sobretudo numa época como a nossa, em que a objetividade da linguagem religiosa é negada, restando-lhe apenas um conteúdo emotivista. Assim, afirma ele que

> toda a história da teologia é, no fundo, o exercício deste compromisso da inteligência, que mostra a inteligibilidade da fé, a sua articulação e harmonia interna, o seu bom senso e a sua capacidade de promover o bem do homem. A exatidão dos raciocínios teológicos e o seu significado cognoscitivo real fundamentam-se no valor da linguagem teológica que, segundo São Tomás, é principalmente uma linguagem analógica. (...). Não obstante, em toda a diferença entre Criador e criatura, existe uma analogia entre o ser criado e o ser do Criador, que nos permite falar sobre Deus com palavras humanas[7].
>
> Com São Tomás e com a grande tradição filosófica, estamos persuadidos de que, na realidade, o homem não conhece apenas as funções, objecto [*sic*] das ciências naturais, mas conhece algo do próprio ser, por exemplo, conhece a pessoa, o Tu do outro, e não apenas o aspecto físico e biológico do seu ser[8].

Outro fator importante é o princípio basilar de que a graça divina não anula, antes supõe e aperfeiçoa a natureza humana, que não fica completamente corrompida, mas ferida e debilitada pelo pecado original.

Importante aplicação desta relação entre natureza e graça se dá no âmbito da Teologia Moral, em que o Doutor Angélico insiste no papel da lei nova do Espírito Santo e suas ligações com a lei natural, as virtudes e as leis positivas. Este campo da lei natural como fundamento da dignidade da pessoa e da lei positiva é essencial para a crítica do relativismo ético individual e político atualmente observável.

[6] BENTO PP. XVI. *Op. cit.*
[7] *Idem*.
[8] *Idem*.

Sobre este ponto, e antes de concluir ressaltando que é da fé viva e da piedade fervorosa que brotava a profundidade do pensamento de Santo Tomás de Aquino, sublinha o Papa que

> São Tomás propõe-nos um conceito amplo e confiante da razão humana: *amplo,* porque não está limitado aos espaços da chamada razão empírico-científica, mas aberto a todo o ser e por conseguinte também às questões fundamentais e irrenunciáveis do viver humano; e *confiante,* porque a razão humana, sobretudo se acolhe as aspirações da fé cristã, é promotora de uma civilização que reconhece a dignidade da pessoa, a intangibilidade dos seus direitos e a improrrogabilidade dos seus deveres. Não surpreende que a doutrina acerca da dignidade da pessoa, fundamental para o reconhecimento da inviolabilidade dos direitos do homem, tenha amadurecido em ambientes de pensamento que recolheram a herança de São Tomás de Aquino, que tinha um conceito extremamente elevado da criatura humana. Definiu-a, com a sua linguagem rigorosamente filosófica, como "aquilo que de mais perfeito se encontra em toda a natureza, ou seja, um sujeito subsistente numa natureza racional" (*Summa Theologiae,* I a, q. 29, a. 3)[9].

[9] *Idem*.